

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

ALFREDO DA SILVA ALMEIDA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

“O aluno depende demais do Google”

Para o historiador, o desafio é educar a nova geração a usar a "máquina" chamada livro

Peter Moon

Ele é um rato de biblioteca. Robert Darnton ama os livros. Especialmente se forem antigos, com mais de 200 anos. Darnton é um dos maiores historiadores americanos. Por quatro décadas, explorou os meandros das grandes bibliotecas da Europa à caça de volumes perdidos de romances amorais do Antigo Regime ou da única cópia de um folheto subversivo da França pré-revolucionária. Darnton, de 69 anos, se aposentou da Universidade Princeton em 2007 e assumiu a direção da Biblioteca da Universidade Harvard. Tomou a missão de digitalizar e tornar acessível gratuitamente pela internet o conjunto da produção intelectual de Harvard. Defensor da nova tecnologia, Darnton detecta nos alunos a perda de intimidade com uma tecnologia mais antiga – o livro.

ENTREVISTA

ÉPOCA – *O livro tem futuro?*

Robert Darnton – *O livro é uma grande invenção. É agradável de manusear e ler. Não desaparecerá. Mas crianças e adolescentes têm hoje pouco contato com ele. Sua fonte de entretenimento é o computador. Os jovens são fascinados pelas pequenas doses de informação a que têm acesso pelos diferentes tipos de máquina e não desenvolvem o hábito das longas horas de leitura. Para eles, o livro é menos convidativo, confortável e familiar que para nós. Isso me preocupa. Creio que veremos surgir diversas formas de leitura e toda uma variedade de meios de comunicação. Os livros acadêmicos serão híbridos, publicados em parte na forma convencional, em parte on-line, com dados, links e material suplementar em áudio, vídeo e imagem. No caso dos livros de não-ficção, que escrevo para o público leigo, acho ótimo poder exibir aspectos do passado graças à nova tecnologia.*

ÉPOCA – Seus alunos ainda lêem livros?

Darnton – *Meus alunos em Harvard são ávidos pela leitura. Mas não conhecem suas convenções, não sabem usar uma biblioteca, não sabem fazer pesquisas nem acompanhar as notas de rodapé. Eles dependem demais do Google. Ele é uma ferramenta fantástica, mas não é adequada para oferecer ao leitor o tipo de experiência, de degustação, que só o livro possibilita, como quando usamos o sumário para nos orientar ou folheamos capítulos aleatoriamente. O Google não permite isso. Haverá uma perda se dependermos demais desses mecanismos. Nesse sentido, sou pessimista. Devemos educar a nova geração a usar essa “máquina”, o livro, do modo como foi criada para ser usada.*

ÉPOCA – Existe a impressão de que as bibliotecas estão se tornando obsoletas.

Darnton – *Há diversos tipos de biblioteca. É possível que as pequenas bibliotecas públicas se tornem cada vez mais dependentes da internet e adquiram menos livros. Elas podem se transformar em pontos de encontro da comunidade, como acontece nas bibliotecas de bairro em Nova York. Podem também funcionar como um tipo de creche, onde os pais deixam seus filhos de tarde.*

ÉPOCA – E as grandes bibliotecas?

Darnton – *As grandes bibliotecas acadêmicas têm outra função. No caso de Harvard, ela é de longe a maior biblioteca de pesquisa do mundo. São cerca de cem bibliotecas com mais de 16 milhões de volumes. Somos responsáveis pela conservação de nossas coleções, mas também por liderar o caminho na direção do mundo digital. Temos dezenas de especialistas pesquisando como preservar os livros que nasceram digitais. Assim como compramos coleções particulares, passamos a adquirir bancos de dados. A Faculdade de Artes e Ciências decidiu digitalizar todos os seus artigos acadêmicos e torná-los acessíveis a qualquer pessoa no planeta. Toda a produção científica de Harvard estará disponível de graça na internet a partir de outubro – e para sempre. O papel da biblioteca não é mais servir apenas aos professores e estudantes de Harvard, mas compartilhar nossa riqueza*

intelectual. Não quero dizer que devemos parar de comprar livros. O encantamento com a digitalização traz o risco de negligenciar as coleções tradicionais.

ÉPOCA – *O Google quer digitalizar todos os livros já impressos. É factível?*

Darnton – *As coleções de Harvard são tão vastas que não creio que algum dia sejam inteiramente digitalizadas, nem mesmo pelo Google Book Search. O grande problema é o direito autoral. Nos Estados Unidos, qualquer coisa publicada desde 1923 está protegida por lei e nem sempre pode ser digitalizada. Como fazer para oferecer essa enorme quantidade de conhecimento protegida por copyright? O Google queria digitalizar tudo, mas foi processado pelos sindicatos dos autores e das editoras. Isso o obrigou a parar em 1923. Temo que interesses comerciais tentem monopolizar o acesso à informação, à medida que os livros forem digitalizados.*

ÉPOCA – *O Google emprega milhares de engenheiros, mas nenhum bibliotecário.*

Darnton – *Sim, é verdade. Isso mostra que eles não estão interessados nos livros enquanto fonte de conhecimento, mas como fonte de dados. Não lhes interessa qual edição colocarão on-line. Um exemplo é a primeira edição das obras de Shakespeare, publicada por várias editoras londrinas a partir de 1623, sete anos após a morte do autor. Como nenhum manuscrito original de Shakespeare sobreviveu, estudiosos tiveram de estabelecer o texto original de cada uma das peças, pois o texto de uma impressão era radicalmente diferente do de outra. Se o Google Book Search jogar na web a primeira versão que lhe cair nas mãos, estará sendo irresponsável.*

“Se o google fechar, quem cuidará de seu acervo virtual? A perda será terrível se as bibliotecas não guardarem os originais”

ÉPOCA – *Com a rápida obsolescência das tecnologias digitais, o Google não corre o risco de sumir antes das bibliotecas?*

Darnton – *Esse risco existe. Ninguém solucionou o problema de como preservar textos digitais. Para conservá-los, temos de migrar os arquivos de uma máquina para outra e*

atualizar os programas. Se o Google desaparecer, quem gastará milhões de dólares para manter o acervo? Desde que a Microsoft abandonou seu projeto de digitalização, o Google não tem concorrentes. Caso seu acervo virtual desapareça, será uma perda terrível, quanto mais se as bibliotecas deixarem de guardar os originais.

ÉPOCA – *E quanto aos jornais e revistas, também não é o caso de digitalizá-los?*

Darnton – *Espero que esse seja o próximo passo do Google. Até o momento, não fizeram nada. Apesar das minhas críticas, sou um entusiasta do Google Book Search. Só temo que as pessoas comecem a achar que ele é a solução para tudo e que não precisamos manter bibliotecas. No caso dos jornais, sua digitalização é urgente. Como são impressos em papel de qualidade inferior, desaparecem rápido. O mesmo se dá com a literatura popular. No caso do cinema mudo, metade dos filmes desapareceu. Muitos eram obras-primas, um patrimônio perdido.*

ÉPOCA – *O livro eletrônico parece ter deslanchado com o Kindle, da Amazon.*

Darnton – *Nunca usei um Kindle, mas é uma questão de tempo até termos livros eletrônicos muito bons. Outra tecnologia que observo com atenção é a impressão sob demanda, onde o leitor escolhe, compra e copia um livro da web, para imprimi-lo e encaderná-lo em casa a um custo muito baixo.*

ÉPOCA – *Ninguém mais escreve cartas. Enviamos e-mail. Como preservá-los?*

Darnton – *É um grande desafio. Em Harvard, estamos armazenando todo o correio eletrônico trocado na universidade. É um volume imenso. O projeto inclui preservar as informações em sites e blogs. Até o momento, esse acervo estava irremediavelmente perdido.*

Época, São Paulo, n.537, p. 129-130, 1 set. 2008.

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

A estrutura da entrevista publicada em mídia impressa apresenta, quase sempre, estes elementos: **título, apresentação, perguntas e respostas**. Às vezes, a entrevista é feita com perguntas e respostas breves, que se diferenciam por meio de um recurso gráfico, como negrito ou itálico, sem os nomes dos participantes.

- a) Há um subtítulo logo abaixo do título da entrevista. Por que ele é importante?
- b) Observe que, após o subtítulo, é feita a apresentação do entrevistado. Qual é a função desse resumo?

Habilidade trabalhada

Reconhecer características estruturais de uma entrevista em relação a uma reportagem e comparar o tratamento da informação na reportagem e na entrevista

Resposta comentada

- a) Ele amplia as informações do título, apresentando o assunto a que se dá destaque na entrevista - o livro, as tecnologias digitais e a formação dos jovens.
- b) Informar o leitor sobre a vida profissional e sobre as ideias do entrevistado que têm relação com a entrevista, a fim de mostrar ao leitor que o entrevistado tem algo realmente interessante e confiável para falar sobre o assunto em pauta.

ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

Observe a linguagem empregada pelo entrevistador e pelo entrevistado. A forma de tratamento (senhor ou você?) usada na entrevista, apesar de implícita, confere maior ou menor formalidade à interação entre entrevistador e entrevistado?

Habilidade trabalhada

Reconhecer a adequação lingüística utilizada pelo entrevistador para construir a entrevista.

Resposta comentada

Espera-se que o aluno reconheça que existe sim maior formalidade, considerando o nível da pessoa entrevistada, e que isto corrobora o caráter impessoal da entrevista, sem comprometer o tratamento dado ao tema.

TEXTO GERADOR II

"Ser gay não é opção"

Um dos anfitriões mais celebrados do Rio fala sobre a sua condição de homossexual e diz que gays ricos são mais bem-aceitos no Brasil.

“A única opção que temos é assumir o desejo por alguém do mesmo sexo ou ter uma vida paralela”.

Oscar Cabral

O carioca Bruno Chateaubriand Diniz Weissmann, de 32 anos, foi seis vezes campeão brasileiro de ginástica olímpica, apresentou um quadro de entrevistas no SBT e atualmente empresaria os ginastas Diego e Daniele Hypólito. Mas o que o tornou conhecido não foi nada disso. Bruno é célebre pelas festas que dá: o réveillon em seu apartamento no edifício Chopin, em Copacabana, é o mais disputado do Rio de Janeiro. O deste ano (com 300 convidados, que consumiram igual número de garrafas de champanhe Dom Pérignon) contou até com a presença da atriz italiana Monica Bellucci. Bruno se mostra alegre e irreverente quando o assunto é festa, mas se revela muito sério e lúcido ao falar sobre a sua condição de gay. Nascido em família de classe média alta (a avó materna era prima do magnata da imprensa Assis Chateaubriand), ele tentou negar a própria homossexualidade quando criança, por achar que gays eram "foisa de circo." Concluiu que seria impossível. Desistiu de

namorar meninas, enfrentou a família e conheceu André Ramos, o empresário com quem vive há onze anos. Nesta entrevista a VEJA, ele fala de preconceitos – explícitos e disfarçados –, relaciona as limitações da vida de um casal homossexual e critica eventos como as paradas gay, que apresentam homossexuais como seres exibicionistas, caricatos e que parecem viver sempre em clima de boate."

Veja – *Quando você descobriu que não era igual aos outros meninos?*

Bruno – *Desde a alfabetização, quando eu tinha 6 anos, e as crianças da escola me xingavam. Eu já sabia que havia algo de diferente comigo.*

Veja – *Como você reagia?*

Bruno – *Corria para o banheiro da escola, me trancava e chorava. Acontecia quase todo dia, tanto que eu morria de medo de ir à aula. Era sempre muita humilhação. Quando eu chegava em casa, contava para a minha mãe que os meninos me xingavam, mas não tinha coragem de dizer do quê. Ela falava: "Dá um tapa neles."*

Veja – *Você teve namoradas?*

Bruno – *Tive. Meu primeiro beijo foi em uma garota, quando eu tinha 12 anos. Aos 16, comecei a namorar firme uma colega de escola e cheguei a usar aliança de noivado. Transava com ela, tudo aparentemente normal. Mas, no fundo, sabia que aquela não era a minha essência. Só que tentava jogar esse sentimento para debaixo do tapete. Já tinha desejo por meninos, mas me perguntava: "Como eu posso estar sentindo isso?"*

Veja – *Você tinha medo? Vergonha?*

Bruno – *Na minha cabeça, gay era uma coisa meio bacalhau de circo. Homossexual tinha a ver com transformista, com personagens circenses. E isso tudo sempre foi muito distante da minha vida. Minha mãe é museóloga, fui educado em bons colégios. Além disso, parte da minha família é paraibana. Tive uma criação supermachista e sou o único gay numa família de vinte primos. Quer dizer, talvez tenha mais um primo homossexual, mas ninguém*

fala sobre isso. Eu me lembro de que me desesperava no meu quarto. Deitava na cama e pensava: “Eu não posso ser isso, meu Deus! Tenho de gostar de mulher!”. Eu era muito jovem, não sabia que existia a possibilidade de uma relação de amor entre dois homens.

Veja – *Até quando seu tormento durou?*

Bruno – *Até a faculdade. Cheguei a sair com várias meninas. Quanto mais escutava comentários, piadinhas de gente dizendo que eu era isso e aquilo, mais queria provar para mim mesmo que não era verdade.*

Veja – *Quando você teve a sua primeira experiência com um homem?*

Bruno – *Aos 21 anos. Eu tinha um amigo mais velho que havia se assumido gay fazia pouco tempo. Quando eu soube, fui contra, disse que ele estava louco e me distanciei dele. Meses depois, eu o procurei e disse que achava que era igual. Ele, então, me levou a uma boate gay. Não demorou muito, um homem veio conversar comigo. Ao contrário do que acontece entre casais heterossexuais, com os gays tudo é mais rápido. Não teve muito papo, paquera, nada. Ele me deu um beijo na boca e eu fiquei ali, besta. Voltei para casa com vontade de vomitar tudo o que estava dentro de mim. Tomei um banho que durou quase uma hora. Esfregava com força meus braços, minha cabeça, passei sabonete várias vezes na boca, escovei os dentes outras tantas – tudo para tirar o cheiro daquele homem, para tentar me livrar de uma sensação de sujeira. Nesse mesmo ano, porém, saí com outros dois homens que não tiveram importância afetiva para mim. Logo em seguida, conheci o André, por quem me apaixonei. Vivemos juntos há onze anos.*

Veja – *Foi aí que você optou por assumir sua sexualidade?*

Bruno – *Você disse a frase certa: foi aí que eu optei por me assumir gay. Porque o homossexual não tem a opção de não ser homossexual. Não é que nós escolhemos gostar de homem. Ainda criancinha, se passassem à minha direita uma mulher linda e à minha esquerda um homem bonito, eu olhava para a esquerda. A única opção que o homossexual tem é assumir seu desejo por outra pessoa do mesmo sexo ou levar uma vida paralela. Quem não sabe de histórias de homens que são casados, têm filhos e mantêm um namorado escondido?*

Veja – Como foi a reação da sua família quando você contou que era homossexual?

Bruno – Foi horrível. Minha mãe se utilizava daquele artifício clássico de fingir que não vê que o filho é gay. Um dia, no meio de uma briga boba, ela soltou: “Você está muito diferente”. Eu, que já não agüentava mais aquela situação, disse: “Por que ‘diferente’? Porque eu estou namorando um homem?” Ela disse que sim, e eu respondi: “Então, mamãe, acho que a senhora é que está com um problema. Deveria fazer análise”. E ela acatou a sugestão. Hoje, a relação dela conosco é muito afetiva. Também foi difícil com meu irmão. Eu me lembro de que ele gritava: “Não sei por que você é assim!” Meu pai, de família austríaca, é o único que até hoje não me aceita. Dia desses, ele me escreveu uma carta horrível. Entre outras coisas, disse que eu deveria ficar feliz de ele nunca ter usado do pátrio poder para me proibir de ser gay. Como se ele pudesse fazer isso e como se eu pudesse escolher.

Veja – E a família do André?

Bruno – Com o André, foi bem mais tranqüilo. A mãe dele sempre me tratou como filho e a avó dele me adorava. O pai morreu muito cedo, eu nem conheci.

Veja – Como foi o início do namoro?

Bruno – Como o André herdou uma boa condição financeira, sempre tivemos uma vida muito confortável. Só no ano em que nos conhecemos, ele me levou nove vezes para fora do Brasil. Fomos para lugares como Inglaterra, França, Egito, Estados Unidos e Taiti. Viajamos também para assistir à cerimônia do Oscar, em Los Angeles. Essa foi a primeira vez. Depois, fomos outras quatro vezes. Nos primeiros meses de namoro, viemos morar neste apartamento de 400 metros quadrados, na Avenida Atlântica, ao lado do Copacabana Palace. Algumas vezes, o André me levava para viajar e dizia para eu ir sem mala. Chegávamos a outro país e ele comprava um guarda-roupa inteiro para mim. Minha mãe ficava aflita com tanto dinheiro. Ela achava que o André queria apenas se divertir comigo e depois iria me largar. Aos poucos, ela e toda a minha família viram o respeito que nós temos um pelo outro.

Veja – O fato de você ter se tornado rico contribuiu para que a sua família aceitasse a sua homossexualidade?

Bruno – Não vou ser hipócrita: é claro que o dinheiro ajudou. Gay rico, no Brasil, é mais bem-aceito. Se eu não tivesse essa estrutura, teria virado, como dizem, "aquela bicha pobre." Mesmo para mim, o dinheiro faz diferença. Esta casa, por exemplo, é a minha proteção. Aqui ninguém me xinga. A nossa sociedade privilegia a posição social das pessoas.

Veja – Você se sente à vontade para demonstrar carinho pelo André em lugares públicos?

Bruno – Não. O gay tem de desenvolver maneiras sutis de mostrar afeto. É um jogo de olhar; é um toque de corpo discreto. Do contrário, você corre o risco de fazer com que pessoas que não gostam de homossexuais se sintam agredidas. Na última festa de Ano-Novo, por exemplo, na hora da virada, nossa casa estava cheia de jornalistas, artistas, empresários. Embora tivesse vontade, não pude beijar o André, como faz qualquer casal.

Veja – Mas você estava na sua casa, cercado de amigos. Nem assim se sentiu à vontade?

Bruno – Talvez eu ainda tenha um pouco de medo de ser motivo de chacota – aquele mesmo medo que eu sentia quando era criança. Acho que todo gay acaba desenvolvendo uma espécie de defesa. Quase todos nós temos um histórico de humilhações e piadinhas que ouvimos durante boa parte da vida.

Veja – Você ainda sofre preconceito?

Bruno – Muito. Algumas vezes, quando vamos a eventos públicos, acontecem coisas desagradáveis. No último baile de Carnaval do Copacabana Palace, algumas pessoas que estavam do lado de lá do cordão de isolamento nos xingaram quando estávamos entrando. Não consegui reagir. Olhei para a frente e segui andando. Em programas de TV dos quais participo, volta e meia alguém da platéia grita alguma ofensa. No SBT, nunca sofri discriminação explícita. O Silvio Santos sabe que sou gay, mas nunca falamos sobre o assunto. Mas noto que, nas piadas sobre gays em programas humorísticos de qualquer canal, o preconceito é evidente.

Veja – Há muitos artistas gays na TV que não assumem essa condição?

Bruno – Sim. Muitos apresentadores, diretores... Eles não assumem, porque têm medo de perder valor de mercado, de ter seu passe desvalorizado. Eu não acredito nisso. Estou investindo na minha carreira de comunicador (é formado em jornalismo pela PUC-RJ) e acredito que ser gay não vai me atrapalhar em nada.

Veja – Que outras manifestações de preconceito são comuns no seu cotidiano?

Bruno – Uma das mais comuns é a da socialite que nos abraça e, aos berros, diz para quem está em volta: “Eu adoro este casal!”. É claro que ela não está querendo nos agradar. Está é querendo mostrar para os outros quão nobre ela é de aceitar esses “alienígenas”.

Veja – Vocês têm mais amigos homossexuais ou heterossexuais?

Bruno – Heterossexuais. Mas não por uma questão de escolha. É simplesmente porque há mais heterossexuais do que gays no mundo. Um casal amigo fez uma cerimônia de casamento há pouco tempo e nos convidou para sermos padrinhos. Foi preciso fazer um trabalho de convencimento para que o padre que conduziu a cerimônia nos aceitasse. Tudo acertado, chegou a hora da festa. Os casais de padrinhos iam entrando e, quando chegavam diante do altar, dividiam-se: os homens seguiam para a esquerda e as mulheres para a direita. Na nossa vez, empacamos. Não tínhamos ensaiado nada. Senti um frisson no salão. O impasse durou alguns segundos, até que eu e o André nos olhamos e, sem dizer nada, fomos cada um para um lado. Eu para a direita, ele para a esquerda.

Veja – O que você mais gostaria de fazer e não pode?

Bruno – Eu não tenho vontade de fazer um casamento escandaloso para chocar as pessoas, ou sair beijando na boca no meio da rua. Tenho vontade de fazer coisas simples, do dia-a-dia. Por exemplo: nós viajamos muito para o exterior e, na fila da imigração, sempre observo que casais heterossexuais se apresentam juntos na hora de mostrar os passaportes. Se há algum problema com um dos dois, o outro socorre. Nós não temos essa segurança. Sempre entramos separados. Também gostaria muito de ter um filho. Queremos adotar uma criança com síndrome de Down, mas sabemos que será difícil.

Veja – *Mas há também vantagens em um casamento homossexual, não?*

Bruno – *Claro. Numa relação heterossexual, a mulher sempre acaba sobrecarregada de funções. Isso porque, pelas normais sociais, é ela quem vai ao supermercado, ela é quem cuida de filho, da empregada etc. Na nossa casa, as tarefas são feitas por quem tem mais prazer em realizá-las.*

Veja – *O que você acha dos atos de afirmação homossexual, como as paradas gay de São Paulo e do Rio?*

Bruno – *Acho que eles têm dois problemas. O primeiro é que são caricatos: fazem pensar que todo gay é exibicionista e vive em clima de boate. O segundo é que, em matéria de defesa dos direitos dos gays, essas passeatas não funcionam. Pelo contrário: aquelas cenas de homens quase nus se pegando e se beijando em cima de um caminhão podem fazer com que políticos e juízes pensem que somos todos promíscuos ou incapazes de adotar e educar uma criança.*

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 3

PROPOSTA

Você e seu colega vão fazer uma entrevista com donos de livrarias, com editores ou com pessoas responsáveis por bibliotecas. O objetivo é descobrir o que essas pessoas sabem a respeito das novas tecnologias digitais relacionadas ao livro e que expectativas de mudanças nas atividades que exercem elas têm em relação a essas tecnologias.

- Escolham uma pessoa que dirija uma livraria, que coordene uma biblioteca ou que coordene a edição de livros. Preparem perguntas sobre os avanços e a função da tecnologia digital em relação aos livros, hoje e no futuro. Perguntem, por exemplo, qual será o futuro do livro em plena era digital.

- Antes de fazer o roteiro, pesquisem sobre o assunto em livros e na internet, conversem com pessoas ligadas a essas áreas. Informe-se sobre o entrevistado, combinem o dia e o horário da entrevista e expliquem a ele qual será o tema.
- Lembrem-se de que as perguntas devem ser breves e objetivas e que as respostas podem ser gravadas ou anotadas. Estabeleçam um critério na hora de formular as questões.
- Transcrevam a entrevista. Revisem o texto, tirando as marcas da linguagem oral (hum, né, tá, aí etc). Empreguem a variedade culta da língua ao passar a entrevista a limpo.
- Coloquem o título e o subtítulo, a apresentação, o nome do entrevistador e do entrevistado. Releiam e avaliem o texto. Verifiquem se o título e o subtítulo estão adequados, se a apresentação tem os dados profissionais e as idéias essenciais do entrevistado. Vejam se há o nome do entrevistador antes das perguntas e o do entrevistado antes das respostas.
- Troquem o texto com outra dupla e discutam os respectivos trabalhos. Guardem a entrevista para um próximo trabalho.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal mural ou blog ou site da escola.

Resposta comentada

Antes de iniciar a atividade de produção textual, seria importante rever com os alunos as principais características composicionais, temáticas e estilísticas abordadas anteriormente ao longo dos RA's e das OP's, observando alguns aspectos: a) se as perguntas propostas são objetivas e pertinentes ao assunto e ao entrevistado; b) se a linguagem empregada é adequada

ao gênero e ao perfil dos leitores; c) se a entrevista veicula informações suficientes; d) se os recursos gráficos foram empregados de forma a distinguir as perguntas das respostas; e) é importante que se verifique, na etapa final, se os textos produzidos estão de acordo com o tema proposto, e se apresentam as características básicas dos gêneros. Do contrário, oriente-os à revisão e à reescritura de modo a consolidar adequadamente o texto.

REGISTRO DOS RESULTADOS PEDAGÓGICOS DECORRENTE DA IMPLEMENTAÇÃO DO ROTEIRO DE ATIVIDADES

A implementação do RA mudou bastante o comportamento dos alunos, de um modo geral, despertando neles o interesse pelo assunto, o que favoreceu um bom rendimento e resultados positivos nas avaliações complementares do final do 4º bimestre.